

Edição v. 37
número 3 / 2018

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 37 (3)
dez/2018-mar/2019

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

A Morte de Dona Marisa Letícia: o biográfico e os trabalhos da memória no Jornal Nacional

The death of Dona Marisa Letícia: the biographical and the works of the memorial in the Jornal

IGOR SACRAMENTO

Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, com pós-doutorado pela mesma instituição. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fiocruz, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: igorsacramento@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1509-4778.

IZAMARA BASTOS MACHADO

Doutoranda em Comunicação e Cultura pela UFRJ, com mestrado na mesma instituição. Pesquisadora no Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde do ICICT/FIOCRUZ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: bastos.iza@gmail.com. ORCID:

MICHELE NEGRINI

Doutora em Comunicação pela PUCRS. Possui pós-doutorado na UFBA, no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Professora da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: mmegrini@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0003-2999-0186.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SACRAMENTO, Igor; MACHADO, Izamara Bastos; NEGRINI, Michele. A morte de Dona Marisa Letícia: o biográfico e os trabalhos da memória no Jornal Nacional. Contracampo, Niterói, v. 37, n. 03, pp. 126-148, dez. 2018/ mar. 2019.

Enviado em 27 de março de 2018 / Aceito em 13 de novembro de 2018.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v37i3.19451>

Resumo

Este artigo analisa a cobertura da internação e da morte de Dona Marisa Letícia no *Jornal Nacional* entre os dias 24 de janeiro e 4 de fevereiro de 2017. Entendemos que a morte de personalidades públicas é um momento para observar os modos como o jornalismo enquadra a memória coletiva ao narrar a vida a partir da morte. O modo como o telejornal narra a vida dela demonstra sua posição no contexto da crise política por que passa o Brasil, especialmente às acusações direcionadas ao seu marido e a ela, mas também releva certa manutenção no modo de representação midiática dela.

Palavras-chave

Memória; enquadramento; biografia; morte; Marisa Letícia.

Abstract

This article analyzes the coverage of the hospitalization and death of Dona Marisa Letícia in the Brazilian TV news *Jornal Nacional* between January 24 and February 4, 2017. We understand that the death of public figures is a moment to observe the ways in which journalism fits the memory collective in narrating life from death. The way in which the news story narrates her life demonstrates her position in the context of Brazil's political crisis, especially the accusations directed at her husband and her, but it also reveals a certain maintenance in her mode of media representation.

Keywords

Memory; framing; biography; death; Marisa Letícia.

Introdução

A morte de personalidades públicas é com bastante frequência uma oportunidade para que o jornalismo produza narrativas biográficas. Essa prática na contemporaneidade articula-se a seguintes mudanças sociais: a mídia como instância mediadora na produção de sentidos históricos e no enquadramento da memória sobre acontecimentos (RIBEIRO, 2003; 2010; 2012) e, também, a sobrevalorização do biográfico no borramento das fronteiras entre o íntimo e o público por meio de diversos produtos e processos midiáticos (ARFUCH, 2010; SIBILIA, 2008).

No jornalismo, a prática de produzir obituários é bastante comum. Ela é diferente das notas de falecimento, que são pagas e manifestam-se de modo resumido sobre a vida do falecido, avisando em geral para o local do velório e sepultamento. Os obituários procuram, numa narrativa breve, detalhar a vida de uma pessoa famosa ou não recentemente falecida (MAROCCO, 2013). Remontam à prática milenar de produção de narrativas sobre a vida de monarcas, soberanos, burgueses, importantes figuras religiosas e militares. Procuram celebrar uma vida notória de modo que ela possa continuar sendo lembrada em tempos futuros (VOVELLE, 1997). Não se trata meramente, por outro lado, de uma linha de continuação entre as Vidas — gênero biográfico antigo que teve Plutarco como principal realizador e difusor — aos obituários contemporâneos, especialmente no que diz respeito à exemplaridade. Para François Dosse (2009), as vidas tinham um valor social de pedagogia moral. Isso fica claro em *Vida de Catão*, de Plutarco, que produz um perfil da atuação do militar e político romano, ressaltando valores como a parcimônia, a frugalidade, o trabalho árduo e o amor a Roma. Tratam-se de práticas e de valores que deveriam ser característicos não simplesmente de um romano, mas de qualquer cidadão romano.

Na contemporaneidade, experimentamos uma intensa produção e consumo de produtos de cunho biográfico (livros, filmes, programas de TV, redes sociais online). Para tais produtos, busca-se produzir heróis que “passam a ser ofertados como referências exemplares na construção de outras vidas que, no momento em que transcorrem, parecem não ser tão heroicas e não tão dignas de servirem como exemplaridade” (HERSCHMANN; RONDELLI, 2003, p. 74). No jornalismo, as narrativas biográficas construídas em decorrência da morte de famosos leva, geralmente, à construção de trajetórias individuais pelo viés de uma exemplaridade diversa da antiga: a inserção de uma trajetória de vida particular na memória coletiva para proceder à reconstrução de alguns momentos da história pessoal com a nacional de modo sentimentalista, para tentar arrebatá-lo o interesse do público e

produzir impacto emocional pela morte de uma personalidade pública (HERSCHMANN; RONDELLI, 2003).

Para Bruno Souza Leal (2012), não é da morte que o jornalismo trata, mas sim dos episódios relacionados a ela, para garantir efeito de verdade ao seu discurso. A cobertura sobre mortes é recorrente no jornalismo. Tornam-se geralmente relevantes pelas circunstâncias em que se deu (atentado, violência urbana, desastre natural). No caso de mortes de pessoas famosas, em certa medida, essa relação se transforma, uma vez que o interesse é a vida famosa. Muitas vezes, acompanha-se do processo de adoecimento até a morte de uma celebridade (FAUSTO NETO, 1991).

A morte de famosos é uma oportunidade para se analisar os trabalhos de enquadramento da memória coletiva na narrativa sobre uma trajetória individual. Afinal, “a mídia apropria-se de narrativas biográficas e constrói enunciados que enquadram uma memória coletiva que tem como referências uma trajetória individual” (HERSCHMANN; RONDELLI, 2003, p.77). Nesse caso, a mídia frequentemente utiliza seus arquivos para contar a vida do morto, acionando imagens, vídeos, entrevistas e todo material documento que tanto exemplifique o sentido que está sendo atribuído à vida da personalidade, quanto inscreve a própria mídia naquela história de vida e na própria história, legitimando-se como lugar de fala autorizado.

Contrariando análises que destacam apenas as funções positivas desempenhadas pela memória coletiva, em que inúmeros pontos de referência, como as paisagens, datas, personagens históricos são tratados como indicadores empíricos da memória coletiva para se definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia de outros, em que fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais, Pollak (1989) aponta para a carga de violência simbólica despendida nesses procedimentos de *enquadramento de memória*, bastante apropriada para a análise de como diferentes processos e atores participam da formalização de uma informação que se tornará fonte para a elaboração de uma *memória oficial*. A partir da análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, o autor ressalta a existência de memórias subterrâneas opostas à memória oficial, sublinhando “o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional” (POLLAK, 1989, p. 4).

Pollak (1989) explica, ainda, que, na dialética entre lembrar e esquecer, há gradações. Afinal, a lembrança é sempre enquadrada pela situação comunicativa em que ela se dá, pelos valores coletivos que a conformam, por determinações sociais e por demandas do presente. Já o silêncio está associado ao não dito, ao que é lembrado de uma determinada maneira em relação ao que deixa de ser

narrado, enquanto o silenciamento se relaciona a práticas deliberadas de poder de não deixar ver, ouvir, perceber determinados grupos, questões e acontecimentos sociais do passado. O apagamento é quando essas práticas de poder e controle se dão de modo tão intenso que apagam os vestígios da existência de um passado incômodo. O esquecimento, por sua vez, pode ser tanto próprio da atividade mnemônica (não somos capazes de lembrar tudo que vivemos e fizemos), mas também configurado por processos políticos de gerenciamento da memória, que, portanto, conta com específicos interesses. Como uma atividade enunciativa, o trabalho de memória, como bem definiu Maurice Halbwachs (2006), não só atende as demandas do presente, como é uma construção situada no momento de sua enunciação.

A noção de enquadramento de Pollak (1989) deve à de negociação de Halbwachs (2006), entendendo que, para que haja suficientes *pontos de contato* entre a memória individual e dos outros de modo a construir uma memória coletiva, é necessário que “a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum” (HALBWACHS, 2006, p. 12). Nessa perspectiva, Pollak propõe que, em vez de se lidar com os fatos sociais como coisas, se analise “como os fatos sociais tornam-se coisas, como e por quem são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLAK, 1989, p. 3-15), entendendo assim que toda memória coletiva é uma memória enquadrada.

Há muitos estudos que ampliam essa perspectiva para observar as lógicas e operações enunciativas de enquadramento da memória coletiva pela mídia de modo geral (cf., por exemplo, RIBEIRO; FERREIRA, 2007; NEIGER; MEYRES; ZANDBERG, 2011) e do jornalismo particularmente (cf., por exemplo, ZELIZER; TENENBOIM-WEINBLATT, 2014; ZELIZER, 1992). Longamente considerado como o primeiro rascunho da história, o jornalismo tipicamente exibiu uma reticência para ir além do tópico, do instantâneo e do oportuno. Sustentando o sentido de si próprio pelo qual o jornalismo manteve-se distinto, o jogo para o tempo proximal permaneceu o atributo definidor do jornalismo por muito tempo. Mas em uma era de domínios performativos cada vez mais misturados, de narrativas, imagens e impulsos reciclados de informações (ZELIZER; TENENBOIM-WEINBLATT, 2014), e, também, da enorme valorização do passado na cultura contemporânea (RIBEIRO, 2003), o jornalismo regula e sistematicamente participa da produção do sentido histórico sobre determinados eventos, da escrita da história dos fatos e do enquadramento da memória coletiva. É importante não só compreender as complexas nuances temporais pelas

quais as notícias funcionam, mas também compreender o papel central do jornalismo como parte do processo de construção da memória coletiva em todas as sociedades em que se encontra. Enfim, o jornalismo, definitivamente, se envolve na construção de uma memória enquadrada.

Nosso objetivo neste artigo é analisar os trabalhos de enquadramento da memória coletiva presentes na cobertura sobre a agonia e a morte de Dona Marisa Letícia Lula da Silva no *Jornal Nacional (JN)*. O que nos interessa é demonstrar o modo como o telejornal enquadra a memória coletiva ao escrever a história do país a partir da narrativa sobre a vida de Dona Marisa Letícia num contexto marcado pela crise política e pelo impeachment de Dilma Rousseff. Ou seja, entendemos que a narrativa biográfica nesse caso é tanto uma oportunidade para analisar como a mídia escreve uma história quanto para mostrar como a mídia se inscreve na história.

Dividimos o nosso texto em duas seções, além desta introdução e das considerações finais: na sequência, discorreremos sobre as articulações do jornalismo com os sentidos contemporâneos e, em seguida, descrevemos a cobertura do *Jornal Nacional* sobre a agonia e a morte de Dona Marisa Letícia entre os dias 24 de janeiro de 2017 — data em que ela teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e foi levada ao hospital — e o dia 4 de fevereiro de 2017 — data em que ocorreu seu velório. Por fim, discorreremos sobre o modo de escrita da história do Brasil e da biografia de Dona Marisa Letícia no contexto dessa cobertura.

Os sentidos contemporâneos da morte e o jornalismo

Adentrando na perspectiva do pensador alemão George Simmel (1998) sobre o fim da vida, temos um breve limiar da complexidade do assunto para os seres humanos e da importância que o tema adquire no contexto social. Nas afeições do autor, a morte é encarada como um elemento significativo para os seres humanos, pois é a partir da aceitação dela que o homem vai se reconhecer como tal. “Nos seus aspectos mais íntimos, em cada época da civilização, a vida está em estreita interação com o sentido que se atribui à morte” (SIMMEL, 1998, p. 177). As concepções que o homem tem sobre a vida e sobre a morte estão relacionadas. E o reconhecimento da finitude é um fator que pode ser delineador para a vivência (SIMMEL, 1998).

Pode-se ver claramente a significação da morte como criadora de forma. Ela não se contenta com limitar nossa vida, quer dizer, dar-lhe forma à hora do desenlace; ao contrário, a morte é para a nossa vida um fator de forma, que vai matizar todos os seus conteúdos, fixando-lhe inclusive os limites. A morte exerce a sua

ação sobre cada um dos seus conteúdos e dos seus momentos; a qualidade e a forma de cada um deles seriam outras se lhes fosse possível sobrepor-se a esse limite imanente (SIMMEL, 1998, p. 178-179).

Nas ponderações que desenvolve sobre o fim da vida, Françoise Dastur (2002) aciona o pensamento de que o relacionamento do homem com a ideia de seu fim é importante para demarcações do seu viver. E, para Rodrigues (1983), a morte faz com que a vida adquira sentidos e é um ponto importante de diferenciação do homem em relação a outros animais.

Ariès (2003) assinala que, nas sociedades ocidentais contemporâneas, a morte se dá de forma mais escondida, o que é o resultado da dificuldade em se admitir completamente a morte daqueles a quem se ama. Há uma tentativa de minimização dos ritos diante do fim da vida. E a morte considerada *boa* é aquela que se dá de forma discreta:

Mas o século XX modificou completamente essas práticas de descarregamento de lágrimas, gritos e lacerações que terminavam pelo domínio do cheio coletivo sobre o vazio individual. A expressão de dor foi proibida, sobretudo a fim de poupar dela a coletividade; o luto foi abandonado à iniciativa individual e considerado quase uma agressão contra a comunidade (progressivamente passa a ser de bom tom guardar o luto como um segredo individual). Do indivíduo enlutado, espera-se que seja capaz de exibir sempre um rosto sereno, e não demonstrar dor transforma-se em signo de equilíbrio emocional (RODRIGUES, 1983, p. 186)

Anthony Giddens (1993) cunhou a expressão “morte sequestrada” para designar um processo amplo de remoção dos aspectos básicos da experiência de vida das regularidades do cotidiano na modernidade, havendo instituições especializadas como hospitais, morgues, funerárias e outras para tanto. Apesar das asserções de Ariès (2003) e Giddens (1993) de que a morte é tratada de forma mais discreta na atualidade, as práticas dos meios de comunicação e das redes sociais tensionam-as perspectivas dos autores e mostram que há outras configurações da morte. Abundante nos livros, na televisão, no cinema, na internet e nos jornais e revistas, no século XXI, a morte é extremamente acessível. Há uma imensa visibilidade da morte na mídia, incluindo seu papel e status na cultura popular e luto público, visto, por exemplo, após a morte de Lady Di, em 1997.

A mídia como um todo produz memórias para as mortes ilustres. Cada suporte textual corresponde a usos bem especificados que reconfiguram modos de homenagem. Assim, o desenvolvimento da

imprensa periódica no século XIX oferece um novo espaço para a prática ritualizada de obituário que flui no ritmo da publicação e oferece ao leitor um panorama da sociedade adaptada aos seus supostos interesses. O discurso sobre os mortos registra assim as mutações conhecidas pelas formas textuais, que envolvem não apenas a natureza dos próprios escritos, mas também os modos de circulação e o uso a que se prestam.

Há também que se considerar uma vertente da morte na mídia que requer atenção: *morrer em público* (WOODTHORPE, 2010). Um caso bastante comentado é a cobertura da imprensa do morrer de câncer pela jovem celebridade britânica Jade Goody. Segundo Woodthorpe (2010), ela teve a morte sequestrada pela mídia por um turbilhão de reportagens e entrevistas em programas de televisão e rádio, revistas, jornais e sites, mostrando o corpo moribundo. Em particular, as fotos produzidas e postas em circulação pela própria atriz, especialmente aquelas que glamorizaram a calvície (resultado da quimioterapia falida), desafiam à tese de sequestro da morte (WALTER, 2009). As reações foram complexas, com a crítica de sua morte pública misturada com a crítica da experiência da vida pessoal como um reality show de modo geral.

A exposição pública e privada das novas mídias cria novas arenas para divulgar a experiência corporal, pessoal e emocional da morte, ao mesmo tempo em que borra o limite público/privado para que a morte, inclusive das pessoas comuns, não permaneça substancialmente escondida. As imagens e eventos da morte são agora completamente mediados pelas tecnologias visuais e de comunicação utilizadas e acessadas por uma grande quantidade de cidadãos em todo o mundo. Ao mesmo tempo, a proliferação e acessibilidade das imagens e narrativas da morte não significam necessariamente que o mundo ocidental tenha avançado para além da negação da morte. De fato, a morte mediada midiaticamente — a morte como imagem e narrativa televisiva, cinematográfica e jornalística — não equivale necessariamente a uma familiaridade, e especialmente a uma aceitação existencial da morte, à medida que é experimentada na vida cotidiana, inclusive por meio de tecnologias midiáticas.

A agonia e a morte de Dona Marisa Letícia no *Jornal Nacional*

Nascida em 7 de abril de 1950, em São Bernardo do Campo (SP), Marisa Letícia Rocco Casa se tornou conhecida como Marisa Letícia Lula da Silva e ocupou a posição de primeira dama do Brasil entre 1º de janeiro de 2003 até 1º de janeiro de 2011. Casada por 42 anos com o ex-presidente do país, Luiz Inácio Lula da Silva, em 3 de fevereiro de 2017 ela faleceu no Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. Em 24 de janeiro de 2017, após ter sofrido um Acidente Vascular Cerebral (AVC), causado por um aneurisma, os médicos descobriram um quadro de trombose venosa profunda nos membros inferiores de Marisa Letícia, que no dia 3 de fevereiro, às 18h57, levou à morte a ex-primeira dama, aos 66 anos de idade.

Dona Marisa Letícia, como era conhecida e tratada, não era uma mulher que estava recorrentemente na mídia, mas era frequente que seu nome aparecesse em abordagens feitas pela mídia que envolvessem a figura do ex-presidente Lula. Apesar de uma história pessoal de lutas e de origem humilde, a imagem da ex-primeira dama quase sempre esteve associada à figura do ex-presidente da República. Isso se apresentou, inclusive, na narrativa midiática construída enquanto esteve internada.

Naquele momento, avançavam as investigações sobre o recebimento de propina de Lula da Empreiteira OAS. Em 2016, Lula foi denunciado pelo Ministério Público Federal sob acusação de receber propina de R\$ 3,7 milhões da OAS, como parte de acordos do Partido dos Trabalhadores (PT) em contratos na Petrobras. A quantia correspondia à reserva de um triplex no Guarujá (SP), além do armazenamento e transporte do acervo do ex-presidente.

A Operação Lava Jato, deflagrada em março de 2014 com o objetivo de investigar as práticas de corrupção no governo do Paraná, tomou, ao longo de 2015, caráter nacional, com apoio do Superior Tribunal Federal. Tal operação — coordenada entre o Ministério Público, a Procuradoria-Geral da União e a Polícia Federal — agravou a crise política e o antipetismo. Em que pesem impasses e limitações do projeto petista, a crise deflagrada em 2013 com um conjunto de manifestações antigoverno (mobilidade urbana, o aumento das tarifas de transporte público urbano, anticorrupção, remoção de populações por conta das obras da Copa do Mundo, insatisfação com os gastos e atrasos dos estádios) foi engolfada por setores conservadores e pelo sentimento de insatisfação com o governo. Assim, embora o governo de Dilma Rousseff tenha buscado uma administração federal mais transparente e responsiva, promovendo o fortalecimento da Polícia Federal com a *lei de lavagem de dinheiro* (12.683/2012), a *lei anticorrupção* (12.846/2013) e a *lei de delação premiada* (12.850/2013) (SVARTMAN; SILVA, 2016), foi duramente criticado por envolvimento com a corrupção. Apesar da brusca queda de

popularidade da presidenta Dilma, ela venceu as eleições no segundo turno contra Aécio Neves (PSDB), fato que ampliou a crise política e o mal-estar social iniciado com as manifestações de 2013 sob um viés bastante conservador (DOMINGUES, 2015).

A crise política, associada ao mau desempenho do Brasil na economia, possibilitou uma ruptura do pacto democrático inconstitucional com a deposição de Dilma Rousseff pelo processo de impeachment, acusada de crime de responsabilidade fiscal. Esse fato, por outro lado, diz respeito também às limitações do “presidencialismo de coalização” — expressão cunhada por Abranches (1988) para designar ministérios, cargos em empresas estatais e postos estratégicos na máquina pública federal a congressistas e seus aliados sem afinidade ideológica com o governo em trocas de votos e apoio no Congresso Nacional — entre os anos 2013 e 2016. A cobertura da mídia brasileira não atuou imparcialmente e corroborou com a criação de um clima de conformação da opinião pública quanto à deposição da presidenta, contribuindo para aumentar a descrença dos cidadãos com o governo, as instituições e o sistema democrático (VIEIRA, 2017).

Quando esteve no centro das denúncias do Mensalão, Lula conseguiu por conta do carisma e da coalização se manter no mandato e fortalecer a sua figura como líder popular (BIROLI; MANTOVANI, 2014). A situação no contexto da Operação Lava Jato foi diferente: a cobertura do escândalo político como espetáculo associada ao enorme sentimento de insatisfação com a corrupção reforçou o antipetismo e, particularmente, o antilulismo (CIOCCARI, 2015).

O que inicialmente se destaca na cobertura da internação e da morte de Dona Marisa Letícia é que, mesmo sendo comum, ao longo da história de cobertura política do JN, a associação da corrupção no Brasil, desde as denúncias do Mensalão, com a figura do ex-presidente Lula (FERNANDES, 2015), o uso de imagens e as menções ao nome da ex-primeira dama não ganharam muito espaço em algumas das edições do programa no período de observação, especialmente no período de sua internação no hospital Sírio-Libanês. No entanto, recebeu destaque, como veremos adiante, uma narrativa que se aprofundasse em questões relativas à vida da ex-primeira dama a partir do momento em que sua morte foi noticiada. Nesta seara, vale retomar o pensamento de Marocco (2013), que aciona a perspectiva de que obituários procuram narrar, de forma breve, a vida de uma pessoa que faleceu recentemente.

A morte cerebral da paciente foi noticiada em 2 de fevereiro de 2017, com uma entrada ao vivo do apresentador William Bonner, direto da redação, antes mesmo do início do telejornal — ocasião em que o apresentador chamou o repórter José Roberto Burnier, que entrou ao vivo diretamente da frente do hospital Sírio Libanês, em São Paulo, onde Marisa estava internada desde 24 de janeiro. Essa

maneira de convocar o telespectador é bastante comum na televisão, quando se busca dar uma notícia em primeira mão: uma entrada ao vivo, interrompendo a programação normal de uma emissora, de modo a chamar a atenção do público para algo que se pretende explorar mais profundamente na edição completa do telejornal que ainda está por vir.

Ainda nos últimos dias do mês de janeiro, identificamos que o JN dedicou algum espaço em parte de suas edições, informando desde a internação de Dona Marisa no Hospital Sírio-Libanês, em 24 de janeiro, até o acompanhamento nos dias seguintes sobre o quadro de saúde da mesma. Para ilustrar esse processo, apresentaremos a seguir uma tabela que sintetiza o que foi mostrado pelo JN ao longo desses dias. Lembrando que, nestes dias, a imprensa esteve diariamente na porta do hospital aguardando, a qualquer momento, boletins médicos que fossem emitidos e que pudessem gerar notícias:

Tabela 1: Cobertura do JN da internação de Dona Marisa Letícia

Dia do Mês/ Dia da semana	24/01/2017 Terça-feira	25/01/2017 Quarta-feira	26/01/2017 Quinta-feira	31/01/2017 Terça-feira
Esteve na Escalada do JN?	Sim	Sim	Não	Não
Legenda do vídeo na página do JN (na internet)	<i>Ex-primeira-dama Marisa Letícia sofre AVC</i>	<i>Marisa Letícia tem pressão intracraniana monitorada por cateter</i>	<i>Marisa Letícia continua internada em coma induzido após AVC</i>	<i>Internada após AVC, Marisa Letícia tem trombose controlada</i>
Teve entrada de repórter direto do hospital? Qual repórter?	Sim. Repórter: José Roberto Burnier	Sim Repórter: José Roberto Burnier	Não (nota pelada)	Não (nota pelada)
Tempo de duração da matéria - Qual o bloco do JN?	1 min. 56 seg. / 1º bloco	1 min. 25seg. / 2º bloco	16 seg. / 3º bloco	29 seg. / 3º bloco
Para além do				

quadro de saúde da paciente, faz referência à presença do ex-presidente Lula e/ou à presença de outros políticos no hospital?	Sim (Lula)	Não	Não	Não
Conta a história de vida de Marisa Letícia?	Não	Não	Não	Não
Teve entrevista com médico?	Sim	Sim	Não	Não
Faz uso de infográfico para explicar o quadro clínico?	Não	Sim	Não	Não
Link do vídeo na página do JN	https://globoplay.globo.com/v/5599620/p/programa/	https://globoplay.globo.com/v/5602406/p/programa/	https://globoplay.globo.com/v/5605333/p/programa/	https://globoplay.globo.com/v/5617047/p/programa/

Fonte: Levantamento feito pelos autores.

Nos dias que antecederam à morte de Dona Marisa, o noticiário esteve mais focado na própria condição de saúde da paciente, com espaços reduzidos e pouco investimento em atrelar a paciente a situações corriqueiras da vida e à agenda do ex-presidente Lula. É, inclusive, possível observar que desde o dia em que a paciente deu entrada no hospital, em 24 de janeiro, até o dia 31, o espaço dedicado ao tema foi diminuindo quase que gradativamente — não apenas pelo

tempo de duração das matérias em cada dia —, mas também pelo próprio destaque na escalada do telejornal de cada edição. Supomos que o quadro estável da paciente com o passar dos dias fez com que o JN fosse diminuindo o tempo dedicado a noticiar a situação. O olhar do telejornal para o quadro clínico de Dona Marisa remete ao pensamento de Fausto Neto (1991) de que há um acompanhamento do processo de adoecimento de celebridades, até que ocorra a sua morte.

Nas datas apresentados acima, por dois dias consecutivos, há voz autorizada de um especialista, o médico cardiologista e chefe da equipe médica que estava cuidando da paciente, Roberto Kalil Filho, que fora convidado a falar acerca do quadro de Dona Marisa. O que o JN faz questão de dizer, em 24 de janeiro, na matéria de José Roberto Burnier, é que o médico destacava que o que havia ocorrido foi um aneurisma:

(...) Uma veia que estava mal formada, que D. Marisa já tinha, rompeu-se e provocou esse sangramento e de acordo com o médico, esse aneurisma foi diagnosticado há cerca de 10 anos, mas como era bem pequeno, os médicos na época consideraram que não era necessário uma intervenção cirúrgica, apenas um acompanhamento clínico. Vale lembrar que a ex-primeira dama é hipertensa, ela tem pressão alta e isso é um complicador (...)¹.

Aqui ressaltamos que, nos dias que seguem, a abordagem do JN segue de modo muito similar, dando ênfase ao quadro clínico da paciente e os pareceres médicos. Também cabe destacar que ao longo de toda cobertura apresentada pelo JN, 90% das matérias e entradas ao vivo foram realizadas pelo repórter José Roberto Burnier. Burnier, que iniciou sua carreira na TV Globo em 1980, com ampla experiência em grandes reportagens e coberturas de grandes eventos, também trazia em seu currículo a experiência de cobrir temas políticos, tendo, em 1988, trabalhado na redação da TV Globo de São Paulo e participado da cobertura da Assembleia Constituinte. Além de ter feito também a cobertura da eleição presidencial de 1989, quando foi escalado para cobrir a campanha do candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Em 2004 acompanhou viagens oficiais do presidente Lula por países da América do Sul². Novamente, cabe citar Fausto Neto (1991), que situa que há um acompanhamento das mídias para o estado de saúde de pessoas conhecidas, até o falecimento.

Com a virada do mês, de janeiro para fevereiro, notamos que um quadro um pouco diferente começa a se apresentar na cobertura, inclusive porque já nos primeiros dias de fevereiro, Dona Marisa Letícia veio a óbito. No dia 1º do mês,

¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5599507/programa>. Acesso em 03/09/2017.

² Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/jose-roberto-burnier.htm>. Acesso em 01/02/2018

nenhuma menção à Dona Marisa foi feita. Já no dia 2 de fevereiro, os médicos anunciaram que a paciente não tinha mais circulação sanguínea no cérebro e no dia 3 de fevereiro, o tempo de cobertura começa, então, a aumentar. Dedicando 5 minutos e 58 segundos ao tema no dia 3, a apresentadora do JN, Renata Vasconcellos, anuncia que dois exames, realizados num intervalo de seis horas, confirmaram a morte da ex-primeira dama. No dia 04 de fevereiro, o JN destina quatro minutos e onze segundos na cobertura do velório.

Nosso mapeamento revelou o seguinte cenário, que está descrito na tabela a seguir:

Tabela 2: A cobertura da morte de Dona Marisa Letícia

Dia do Mês / Dia da semana	02/02/2017 Quinta-feira	03/02/2017 Sexta-feira	04/02/2017 Sábado
Esteve na Escalada do JN?	Sim	Sim	Sim
Legenda do vídeo na página do JN (na internet)	<i>Médicos anunciam que dona Marisa Letícia não tem circulação sanguínea no cérebro</i>	<i>Exames confirmam a morte da ex-primeira dama De seus 66 anos de vida, Maria Letícia passou 42 ao lado de Lula</i>	<i>Multidão se despede de Marisa Letícia durante velório no ABC Paulista</i>
Teve entrada de repórter direto do hospital ou do velório? Qual repórter?	Sim Repórter: José Roberto Burnier	Sim. Ao vivo. Repórter: José Roberto Burnier	Sim Repórter: César Menezes
Qual o tempo de duração da matéria e em qual o bloco?	2 min. 12 seg. / 3º bloco	5 min. 58 seg. / 3º bloco	4 min. 11 seg./ 2º bloco

Para além do quadro clínico da paciente, faz referência à presença do ex-presidente Lula e/ou à presença de outros políticos ou sindicalistas no hospital/velório?	Sim	Não	Sim
Conta a história de vida de Marisa Letícia?	Não	Sim	Não
Teve entrevista com médico?	Não	Não	Não
Faz uso de infográfico para explicar o quadro clínico?	Sim	Não	Sim
Link do vídeo na página do JN	https://globoplay.globo.com/v/5623449/	https://globoplay.globo.com/v/5626564/programa/	https://globoplay.globo.com/v/5628728/programa/

Fonte: Levantamento feito pelos autores.

Em 02 de fevereiro de 2017, quando os médicos que cuidaram da Dona Marisa Letícia anunciaram que ela não tinha mais circulação sanguínea no cérebro, o JN incluiu o assunto na lista dos temas da escalada desta edição:

Médicos que cuidam da D. Marisa Letícia informam que a ex-primeira dama não tem mais circulação sanguínea no cérebro. Lula recebe a solidariedade do maior adversário político: Fernando Henrique Cardoso. Mas uma possível morte cerebral só poderá ser constatada nas próximas 10 horas.³

³ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/02/02.html> . Acesso em 15/09/2017

É sabido que assuntos que entram na escalada da abertura de um telejornal, assim como as notícias que ocupam as capas de jornais impressos, são aqueles considerados pelo veículo como temas de grande interesse público e que a edição privilegia ao dar o destaque.

Com uma matéria apresentada com pouco mais de dois minutos, no terceiro bloco do telejornal neste dia 2 de fevereiro, mostrou-se ao público, com ajuda de infográfico e nota do hospital na página da internet, explicações sobre os protocolos médicos adotados para a condução do quadro clínico da paciente nas horas que se seguiriam; também se deu destaque a uma mensagem do ex-presidente Lula nas redes de sociais, apresentando o conteúdo do texto publicado por ele, agradecendo todo apoio e manifestações de carinho e solidariedade que receberam e informando que a família autorizou os procedimentos preparativos para doação dos órgãos. Além disso, essa matéria teve uma visível intenção de citar e mostrar políticos que estiveram no hospital para prestar solidariedade ao ex-presidente e à família e, também, citaram ações como publicação de notas de pesar e discursos de solidariedade que foram destinados ao ex-presidente. Nesta data, nenhuma menção à história de vida de Marisa Letícia fora apresentada, como é comum se observar em obituários jornalísticos.

No dia 3 de fevereiro, quando definitivamente é noticiado o falecimento de Dona Marisa, William Bonner, apresentador e editor-chefe do JN, entrou ao vivo⁴ da redação, no início da noite, para informar sobre o falecimento e chamou o repórter José Roberto Burnier — que permanecia em frente ao Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo —, que também entrou ao vivo para informar que o óbito da ex-primeira dama fora confirmado pelos médicos às 18h57 daquela sexta-feira. Numa passagem que durou menos de um minuto, o repórter, e depois o apresentador, informam que mais detalhes seriam apresentados na edição do JN daquela noite; ou seja, mais tarde.

Na edição completa do telejornal, onde se deu destaque à morte já na escalada das notícias daquela noite, foram destinados quase seis minutos ao tema. Logo na abertura do terceiro bloco, a apresentadora Renata Vasconcellos chamou para entrar, ao vivo, o jornalista José Roberto Burnier, ainda na frente do hospital. O jornalista trouxe um relato sobre os protocolos médicos e conduções adotadas pelo hospital, falou sobre a movimentação e visitas feitas à família no hospital naquela data e relembrou um pouco sobre o quadro clínico que a paciente vinha enfrentando nos últimos quase dez dias. Após isso, volta-se para o estúdio onde novamente a apresentadora chamou uma reportagem então produzida pelo

⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5626217/programa/> . Acesso em 16/09/2017

jornalista Tônico Ferreira, que investiu numa espécie de retrospectiva da vida de Marisa Letícia. Além de recuperar uma entrevista gravada com a própria, em 29 de dezembro de 2002, apresentando diversos trechos da entrevista, mostra também diversas imagens de arquivos para ilustrar a reportagem. A vida pessoal e profissional de Marisa ganha um pouco mais de visibilidade. Mostra-se a história de uma mulher forte, que por muito tempo fora dona de casa e que enfrentou muitos momentos difíceis, inclusive com a ausência de Lula — que por muitas vezes viajara por compromissos como sindicalistas e, posteriormente, como presidente. Nesta retrospectiva, mostrou-se a história de suas origens simples, como filha de agricultor e como alguém que começou a trabalhar ainda criança (aos nove anos de idade) como babá. Fala-se brevemente da vida de Marisa antes de conhecer Lula e, também, após o casamento com ele. Apresenta-se um pouco da vida de Marisa enquanto primeira dama do país. Deste modo, o JN trouxe pontos da trajetória particular de dona Marisa para serem compartilhados com o grande público, acionando a perspectiva de Herschmann e Rondelli (2003) de que as narrativas biográficas construídas com a morte de pessoas conhecidas levam a construções de trajetórias individuais para que seja arrebatado o interesse do público e para que ocorra a produção de impacto emocional pela morte de uma pessoa conhecida.

Na reportagem de Tônico Ferreira, ainda em 3 de fevereiro⁵, uma das passagens, com narração do próprio repórter, conta então uma breve trajetória de Marisa Letícia. A matéria foi por vezes ilustrada com falas da própria Marisa na entrevista de 2002 (porém, na transcrição abaixo, optamos por não incluir). Segue o off produzido pelo jornalista e que acompanha a matéria em questão:

Tímida, avessa a holofotes, D. Marisa Letícia, só aceitou dar a primeira entrevista como primeira-dama em 2002, depois de muita conversa e convencida pelo marido. E deu mostras da personalidade forte. (...) Foi o pulso firme que ajudou dona Marisa nos tempos difíceis. Enquanto Lula viajava, criou os quatro filhos. Cuidou da casa e da família. Trabalhou no sindicato. Estampou camisetas. Costurou bandeiras. Quando Lula e outros sindicalistas foram presos em 1980, por organizarem greves durante o regime militar, ela liderou a passeata das mulheres. E foi no sindicato dos metalúrgicos, em São Bernardo do Campo, que alguns anos antes, os jovens viúvos Marisa e Lula se conheceram. Se casaram seis meses depois. D. Marisa já tinha um filho, o Marcos. Com Lula teve mais três filhos meninos: Fábio Luiz, Sandro Luiz e Luiz Claudio. Os três partos foram longe do marido. (...) [*apresenta trechos da fala dela na entrevista de 2002*]. Mas era preciso entender a ausência e apoiar o marido. Foi o que ela sempre fez. D. Marisa, companheira de uma vida inteira, companheira do Lula sindicalista e depois do Lula presidente. No ano passado D. Marisa virou ré em dois processos na Lava-Jato. Ela sempre rechaçou as acusações. Lula e D. Marisa ficaram casados por 42 anos. (Locução de Tônico Ferreira, JN, 03/02/2017)

⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5626564/programa/>. Acesso em 17/09/2017

O relato mostrado no off da reportagem de Tonico Ferreira remete ao pensamento de Herschmann e Rondelli (2003), já apontado anteriormente sobre a construção de produtos biográficos, ao dizerem que há uma busca pela produção de heróis, que são ofertados como referências exemplares para outras vidas.

O que nos salta aos olhos nesta passagem da reportagem é que esta foi a única matéria do JN que deu conta de ofertar um breve relato sobre quem foi Marisa Letícia: não somente como uma ex-primeira dama à sombra de um marido ex-presidente da República, mas como uma mulher com autonomia e assertividade. Recorrendo à entrevista de 2002, fica evidente que ela, por vezes, precisou assumir a casa e ações no sindicato por conta da ausência do marido, que estava regularmente empenhado nas atividades da política, na fundação e liderança do PT e, depois, nas candidaturas à presidência da República.

Já no dia 4 de fevereiro, dia do velório, a matéria, relativamente longa, com pouco mais de quatro minutos, apresentada na abertura do segundo bloco do telejornal, também teve destaque na abertura — na escalada das notícias. Nesta reportagem sobre o velório, não se fala sobre a história de vida ou a personalidade de Dona Marisa. Isso apenas aparece em um trecho apresentado na fala da Deputada Benedita da Silva (PT)⁶. O destaque dado praticamente contradiz toda a cobertura nos últimos dias, onde pouco se falou da atuação da ex-primeira-dama em movimentos sindicais e atuações políticas. Benedita declara: “Ela não era uma sombra. Ela era um esteio, uma mulher que ajudou a organizar as mulheres nos sindicatos”. Além disso, um pouco mais à frente do vídeo, em uma declaração do ex-presidente Lula, encontra-se um pouco da personalidade da esposa: “Essa galeguinha, que parecia frágil, mas quando ficava com a orelha vermelha e falava grosso, colocava medo em muita gente”.

Se observada toda a matéria, dá-se bastante visibilidade a Lula e aos políticos e líderes políticos presentes no velório, que foi realizado na cidade onde Marisa Letícia nasceu, São Bernardo do Campo (SP). Também mostra um pouco das condições de saúde da paciente nos últimos dias, trazendo um infográfico explicando como se deu o quadro clínico, reforça-se a atitude da família em autorizar a doações dos órgãos e dá-se certo destaque à multidão que foi ao velório despedir-se da ex-primeira dama. Entretanto, o grande viés dado à matéria foi o de citar os diversos nomes de políticos que estiveram presentes.

O velório, que ocorreu no sindicato dos metalúrgicos da cidade onde ela nasceu e onde ela e o ex-presidente se conheceram e se casaram, recebeu também

⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5628728/programa/>. Acesso em 10/12/2017

muitas pessoas comuns que foram prestar suas últimas homenagens. O destaque ao marido Lula e as visitas políticas recebidas por ele denotam que a construção da memória, como abordou Maurice Halbwachs (2006), é uma construção relacionada com o momento de sua enunciação.

Por fim, a matéria fala ainda dos processos judiciais em que o casal é citado e dá, mais uma vez, um tom mais político ao obituário, fazendo com que a retrospectiva da vida de Dona Marisa seja a de associação com um marido acusado de liderar um enorme esquema de corrupção e ter se beneficiado com a aquisição de um triplex no Guarujá e de um sítio em Atibaia, em São Paulo. Sem dissociar a imagem da esposa à do marido e à política, ela é explicitamente tomada tanto como sua companheira na política quanto implicitamente concebida como cúmplice (ou minimamente beneficiária) da corrupção.

Apresenta-se, então, uma fala do ex-presidente, no meio da multidão, onde o mesmo diz que a esposa morreu triste e que ele deseja provar que as acusações que foram feitas contra ela, nos processos onde ela fora citada, seriam acusações levianas. Ele então declarou no microfone, literalmente no meio de uma multidão, que o aplaudiu posteriormente:

(...) Eu quero provar, que os facínoras que levantaram leviandade com a Marisa, tenham, um dia, a humildade de pedir desculpas a ela. Se alguém tem medo de ser preso, eu quero dizer o seguinte, esse, que está enterrando a sua mulher hoje, não tem (...).

A opinião de Lula é a de que a morte de sua esposa estava diretamente associada à campanha de acusação contra ele e sua família pelo Judiciário e pela mídia, trazendo-lhe uma enorme situação de instabilidade emocional.

Herschmann e Rondelli (2003), de forma profícua, abordaram que a mídia toma propriedade de narrativas biográficas para a construção da memória coletiva com bases em referências de uma trajetória individual. O pensamento dos autores sintetiza as abordagens sobre a construção do obituário de dona Marisa Letícia no *Jornal Nacional*.

Considerações finais

O teor político esteve a todo o momento sendo mencionado nas notícias acima observadas. A figura de Marisa Letícia foi recorrentemente apresentada de modo a serem feitas conexões a políticos e pouco destaque às características da cidadã brasileira Marisa Letícia. Também identificamos, assim como na maioria das notícias que abordam doenças ou procedimentos médicos de personalidades públicas, também a utilização de recursos imagéticos, como infográficos, para

explicar os procedimentos adotados pelos médicos. O uso desses recursos gráficos tem a intenção recorrente de possibilitar uma maior compreensão pelo público de procedimentos médicos e traz consigo a proposta de ser uma linguagem menos formal. No caso da ex-primeira dama, o recurso visual foi apresentado com frequência para esclarecer o que e como a paciente estava sendo tratada.

A revelação, desde o início da internação em 24 de janeiro de 2017, de que Dona Marisa Letícia já tinha conhecimento deste aneurisma há dez anos, fez com que o teor das notícias não apresentasse grandes surpresas ao telespectador. Como se indicasse que, mais cedo ou mais tarde, isso poderia vir a acontecer.

A convocação de entrevista com o médico responsável pela equipe e a explicitação de boletins médicos sobre o quadro da paciente também foram utilizadas com regularidade para dar mais credibilidade e peso ao material jornalístico apresentado. Além disso, a presença constante de um repórter de plantão na porta do hospital, junto a diversas outras equipes de jornalistas, conferiu ao material não apenas uma realidade ao que se apresentava ao público, como também deu ao JN o caráter de telejornal disposto a não perder nenhum novo fato que surgisse no que dissesse respeito às condições de saúde da paciente.

Como obituário, a reportagem de 3 de fevereiro traz características bastante esperadas sobre as notícias de mortes: a causa da morte, a morte em si, uma breve retrospectiva da história daquele que é o personagem principal da notícia, o uso de imagens de arquivos, entrevista anteriormente dada pela personagem onde falas da própria personagem são usadas para ilustrar o atual material, citação de fatos vividos pela personagem principal e sua relação com o mundo, depoimentos de pessoas que a conheciam e assim por diante.

Também vale destacar que, assim como todas as abordagens ao longo dos dias, o nome de Marisa Letícia esteve muito mais ligado às ações e atividades de Lula do que da própria Marisa. Excepcionalmente na matéria do dia 3 de fevereiro que foi dado algum destaque à mulher Marisa Letícia como aquela que teria escrito a própria história. No geral, elementos, fatos e personagens políticos foram costurados juntamente com a construção do obituário de Dona Marisa.

A narrativa biográfica sobre Dona Marisa Letícia somente aparece no JN no dia 3 de fevereiro, quando de sua morte. Até então, como é comum nas narrativas jornalísticas sobre a morte de famosos, houve o acompanhamento do quadro clínico dela. A estrutura da narrativa biográfica, nesse caso, apresenta de maneira breve a trajetória dela. O jornalismo, no momento de narrar uma vida, geralmente, reproduz o senso comum biográfico: "a ilusão biográfica". Pierre Bourdieu (1998) observa que a vida organizada como um relato se desenvolve segundo uma ordem cronológica, que é por si mesma lógica, passando desde um começo, uma origem,

um ponto de partida, mas também, ao mesmo tempo, uma razão de ser, uma causa primeira para a realização de um fim. No caso do relato biográfico sobre Dona Marisa Letícia, o que observamos pela cobertura do JN é a presença de Lula. Embora ela seja lembrada como sendo uma mulher forte, autônoma e decidida por amigos e inclusive pelo seu marido, ela é apresentada como a fiel escudeira e até mesmo como cúmplice no esquema de corrupção que a teria beneficiado com o triplex e o sítio, por exemplo. Nesse sentido, fica evidente que, por ser tanto companheira do marido e tão confiante nele, ela acabou se envolvendo do esquema.

A apresentação de Dona Marisa Letícia como ex-primeira dama no JN reforça outras representações midiáticas dela que a identificam como sendo discreta, dona de casa, zelosa e leal ao marido (FERREIRA, 2004). Desse modo, implicitamente, dialoga com a crítica à ausência de participação política dela nos dois governos Lula. A comparação com a atuação de Dona Ruth Cardoso, mulher de Fernando Henrique Cardoso, presidente do Brasil pelo PSDB, entre 1994 e 2002, era extremamente frequente. Marisa Letícia era a dona de casa, avessa à imprensa e à política; Ruth Cardoso era a intelectual, antropóloga e com participação no governo. Na matéria com o relato biográfico dela, a comparação não está presente. No entanto, a memória enquadrada sobre Marisa Letícia no JN reforça esses modos de apresentação dela em outras narrativas midiáticas.

Outra dimensão importante nesse processo é considerar que a memória do JN sobre Dona Marisa Letícia é também autorreferente, uma vez que parte de uma estratégia de autolegitimação. O uso da entrevista com Dona Marisa Letícia em 2002 busca, por um lado, dar sequência a uma prática comum na produção jornalística sobre a morte de personalidades públicas (trazer depoimentos dados à emissora como uma forma de citação direta) e, por outro, demonstrar a participação do JN e da *TV Globo* na história dela, que era avessa à imprensa, mas havia dado uma entrevista para a emissora.

A presença da entrevista antiga se configura como um lugar de autorreferenciação, contribuindo para construir uma autoimagem do JN e, através da qual, se legitimar. A legitimação do JN, nesse caso, se dá por valores caros à construção do ideário do jornalismo moderno (RIBEIRO, 2007) como pluralismo de vozes e atores sociais, embora também se legitime, num contexto marcado por uma onda de conservadorismo e de antipetismo escamoteada pelo discurso de combate à corrupção, por associar implicitamente a biografada à conveniência com supostas práticas ilícitas do marido.

Referências

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: Ed. Uerj, 2010.
- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BIROLI, Flávia; MANTOVANI, Denise. A parte que me cabe nesse julgamento: a Folha de S. Paulo na cobertura ao processo do "mensalão". *Opinião Pública*, v. 20, n. 2, p. 204-218, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CIOCCARI, Deysi. Operação Lava Jato: escândalo, agendamento e enquadramento. *Revista Alterjor*, v. 12, p. 58-78, 2015.
- DASTUR, Françoise. **A morte: ensaio sobre a finitude**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- DOMINGUES, José Maurício. A conjuntura em duas durações: da crise à disputa do futuro. *Trincheiras - revista de cidadania*, p. 5 - 7, 15 abr. 2015.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.
- FERNANDES, Carla Montuori. Da mídia impressa à audiovisual: o agendamento intermediático do escândalo da Petrobras no Jornal Nacional. *Líbero (FACASPER)*, v. II, p. 111-122, 2015.
- FERREIRA, Dina Maria Martins. **Processo designativo e construto identitário da primeira-dama: pragmatismo e simbolismo**. Intercâmbio (CD-ROM), São Paulo, PUC, v. 13, 2004.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2006.
- HERSCHMANN, Micael; RONDELLI, Elizabeth. Os media e a construção do biográfico – a morte em cena. In: HERSCHMANN, Micael e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs.). **Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade**. Rio de Janeiro: E-papers, 2003.
- LEAL, Bruno Souza. O realismo em tensão: reflexões a partir da morte como acontecimento nas narrativas jornalísticas. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz; HENN, Ronaldo (orgs.). **Jornalismo e acontecimento 3: diante da morte**. Florianópolis: Insular, 2012.
- MAROCCO, Beatriz. Fragmentos de vidas exemplares. *Revista FAMECOS (Online)*, v. 20, p. 372-389, 2013.
- NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal (orgs.). **On Media Memory: Collective Memory in a New Media Age**. London: Palgrave Macmillan, 2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A memória e o mundo contemporâneo. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. (Org.). **Entretenimento, Felicidade e Memória: forças moventes do contemporâneo**. São Paulo: Anadarco, 2012.

_____. A mídia e a cultura da memória. In: MARROS, Geísa; JAGUARIBE, Elizabete e QUESADO, Ana (orgs.). **Nordeste, memórias e narrativas da mídia**. Fortaleza: Edições Iris/Expressão Gráfica Editora, 2010.

_____. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, Micael e PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs.). **Mídia, memória e celebridades: estratégias narrativas em contextos de alta visibilidade**. Rio de Janeiro: E-papers, 2003.

_____. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

RIBEIRO, A. P. G.; FERREIRA, L. M. A. (Org.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. v.1.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Edições Achiamé Ltda: Rio de Janeiro, 1983.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIMMEL, George. A metafísica da morte. *Política & Trabalho*, ano 14, n. 14, p.177-182, 1998.

SVARTMAN, Eduardo Munhoz; SILVA, André Luiz Reis. CASTIGO SEM CRIME? RAÍZES DOMÉSTICAS E IMPLICAÇÕES INTERNACIONAIS DA CRISE BRASILEIRA. **Rev. Conj. Aust.** . Porto Alegre. v.7, n.35. p.4-14. abr./mai. 2016

VIEIRA, Aiane de Oliveira. CRISE POLÍTICA E IMPEACHMENT: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DA COBERTURA MUDIÁTICA NA DEPOSIÇÃO DE DILMA ROUSSEFF. **Rev. Educ. e Soc.**, Naviraí, v. 4, n. 8, p. 4-26, jul. - dez. 2017

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginários na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX**. São Paulo: Ática, 1997.

WALTER, Tony. Jade's Dying Body: The Ultimate Reality Show, **Sociological Research Online**, vol. 14, n. 5, 2009.

WOODTHORPE, Kate. Public dying: death in the media and Jade Goody, **Sociology Compass**, vol.4, n.5, 2010.

ZELIZER, Barbie. **Covering the Body: The Kennedy Assassination, the Media, and the Shaping of Collective Memory**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

_____. TENENBOIM-WEINBLATT, Keren. Journalism's memory work. In: _____. (orgs.). **Journalism and memory**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.